

Simpósio Nacional da ANPUH/2013

As viudas/viúvas argentinas: razão e emoção como dimensões de uma mesma memória.
Cordobazo e Repressão. Anos 70-80

O presente texto resulta de uma pesquisa em desenvolvimento intitulada **Gênero, Viuvez e Cotidiano .A invisibilidade das narrativas nos movimentos sociais e de resistência às Ditaduras. Brasil e Argentina nos anos 70-80¹**.

O tema tem sua relevância na medida em que se propõe desconstruir, desnaturalizar uma categoria, um estado civil – a “viuvez”-, que foi alvo de profundas reformulações, desde os primórdios da “ república” quanto a garantia e extensão de direitos civis, sociais e econômicos eram exigidos pela sociedade civil na conquista de maior inserção como cidadãos².

Em meados dos anos 80, com os processos de redemocratização e reorganização das distintas sociedades latino americanas, com a queda dos regimes militares, constata-se a presença de grande manifestações, de movimentos sociais com ações coletivas e organizadas visando atender demandas específicas, sejam em distinções espaciais e temporais com diferentes estratégias que se expressaram desde de denúncias, as marchas, passeatas, concentrações e pressões indiretas contra o regime repressor. Uma nova realidade histórica se colocou no sentido de viabilizar as reivindicações de distintos segmentos sociais que cada vez mais numerosos exigiam frente à Justiça a apuração das modalidades de repressão vivenciadas com os crimes de tortura/desaparecimento de pessoas, ocultação de corpos e apropriação de crianças fortalecendo uma forma peculiar de ação e de alargamento com a (re) invenção da

¹ O projeto de pesquisa tem o aval do CNPq, através de Bolsa Produtividade, tendo como campo de análise a cidade de São Paulo/ Brasil e Córdoba, na Argentina, nos anos 70-80, através de uma perspectiva comparativa visando entender o silêncio e a falta de legitimidade da categoria viúva/viuda nas lutas e resistências contra o Estado repressivo das ditaduras militares no Cone Sul .

² O estado civil da viuvez no Brasil achava-se definido na Lei nº. 3.071 de 1/1/1916, ajustado pela Constituição Brasileira/1988 e no atual Código Civil, Lei nº 10.406 de 10/1/2002, atualizando-se em 2008. Na Argentina o Código Civil/ Lei n. 340 de 1/1/1871 , foi alterado e, algumas de suas definições pela Lei nº 17.454 de 18/8/1981 e modificado em 21/7/2010 que autorizou a união homofóbica, alterando a denominação que declarava a validade do casamento apenas quando realizado entre "homem e mulher", para a expressão de "contraentes", viabilizando a união entre pessoas do mesmo sexo , sendo o primeiro país latino americana a fazê-lo.

noção de Direitos Humanos que desde então, vem envolvendo as últimas gerações (NOVAES, 2001, p, 19-20).

Portanto nesse contexto, optei por tomar o protagonismo de mulheres em situação de “viuvez” com a preocupação em evidenciar outras possibilidades de existência diante da complexidade de uma totalidade que é dada e de um conceito abstrato e generalista, que impede a existência do ser, do estar concretamente na sociedade.

A memória oficial e enquadrada seleciona fatos e institui passado e com isso exclui indivíduos e cidadanias reforçando estereótipos e provocando silêncios e por efeito ausência de legitimidade à voz, à palavra, à ação

A pesquisa caminha no sentido de investigar o que é a viuvez em uma realidade histórica que foi responsável pelo desaparecimento com presunção de morte? Como se definiu para as mulheres esse estado civil, diante das perdas vivenciadas durante os anos de repressão? Consideravam-se viúvas ou não? E por que?

Ainda no tempo presente a viuvez, principalmente a feminina, que viveu um longo processo de invisibilidade, principalmente no espaço público, vem adquirindo um status de maior visibilidade, embora ainda carregado de preconceito e ironia que deforma, desvaloriza as tentativas de ação.

É justamente diante disso que coloco a questão: por que nas lutas e resistências das mulheres contra o Estado Repressor, a presença de um movimento/organização de “viúvas” é nula, projetando-se apenas na ação das mães, Abuelas, Hermanas, HIJOS e Familiares como um todo?

Penso que na condição de pesquisadora, me situo em uma distância relativamente favorável do período, para (re) colocar a categoria com uma mirada reflexiva e atenta ao mesmo tempo ao vivido nos “anos de chumbo” e aos seus efeitos que permanecem ainda hoje no comportamento das pessoas, frente ao que foi intencionalmente silenciado, esquecido como uma forma de defesa, sobrevivência. Daí a insistência e a necessidade de retomar a palavra por parte das mulheres sobreviventes, viúvas/companheiras de um grande número de desaparecidos no caso argentino, precisamente na cidade de Córdoba³?

³ Córdoba é a segunda província de maior importância na Argentina, depois de Buenos Aires. Nos anos 60 destacava-se pela sua relevante área agrícola de pequenos e médios produtores provenientes de um

A possibilidade das narrativas de mulheres sobreviventes são um campo fértil para fazer reviver os significados das mensagens que construíram para que suas vidas tivessem tomado outros rumos: maior liberdade, autonomia e escolhas as levaram a rever a educação burguesa e a formação religiosa que tiveram, embora com dúvidas e receios. Uma espécie de transgressão de valores e comportamentos podia ser assumida diante de um tempo onde o projeto era fazer a “revolução”, instaurar uma sociedade mais igualitária onde todos e todas tivessem espaço. Uma geração de jovens aderiu a ideia com entusiasmo e idealismo arquitetados em uma conjuntura renovadora com acontecimentos que influenciaram os caminhos escolhidos para a “luta armada, a qualquer preço como: Revolução Cubana (1959), a intervenção militar no Vietnã pelos Estados Unidos (1963), o movimento estudantil de maio na França (1968), a revolução cultural na China, o aparecimento dos movimentos de direitos civis com relação as lutas anti racistas nos EUA e as liberdades sexuais e o movimento hippie, tudo isso cruzando fronteiras e sendo apropriado por uma geração.

As lembranças desse período de mobilização política intensa na cidade argentina de Córdoba, nos anos 60, culminou com um expressivo movimento de participação política de estudantes e operários de ambos os sexos que ficou conhecido como Cordobazo, em 29 de maio de 1969.

“ tudo se deu a partir de 69, más o menos, con el Cordobazo... fue todo como una *pueblada* que se levantó (J. Ativista e sindicalista. GARAY, BANCHIERI, TUMINI.2006,p.28).

Para entender como situação de viuvez foi pensada e foi apropriada no período, para muito além e em oposição das memórias enquadradas em discurso institucionalizados (POLLACK(1993) iniciei uma circulação entre os movimentos e organizações existentes na cidade: HIJOS e Familiares de desaparecidos.

fluxo imigratório de italianos e espanhóis organizados e um centro urbano diversificado com a presença de fábricas e de um comércio diversificado, além da presença da Universidade Nacional, que garantia um potencial mobilizador de estudantes, operários e sindicatos altamente politizados e em contrapartida foi uma das cidades onde a repressão deu-se de forma violenta e cruel. Calcula-se que o número de desaparecidos(as) esteja entre 600 à 700 pessoas, segundo dados oferecidos pelo CONADEP/ Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas de Córdoba, instituição formada pela Argentina, México, Venezuela e outros países após 1983.

Para minha surpresa o período da investigação na cidade com a tutela do Archivo de La Memoria de Cordoba⁴, me permitiu adentrar concretamente em um contexto de grande efervescência política diante da *Semana de La Memoria- 37 anos do golpe*, com uma ampla divulgação e uma série de atividades que tive a oportunidade de participar entre elas: Intervencion Urbana “Arboles de la Vida” em praças, lugares públicos com imagens dos desaparecidos e assassinados ; intervenções artísticas em outros sítios - Centros de Detenção como La Perla e Ribera; representações teatrais, oficinas para crianças; inauguração de um arquivo Digital de Historias de Vida na Sala de Vidas para serem Contados, no Archivo; exposições fotográfica dos desaparecidos e um Dossiê de todos os acusados de crimes de Lesa Humanidade, que estão sendo acareados pelos Jucios de Córdoba, em uma Megacausa com ampla visibilidade na mídia e acesso ao público.e que culminou no domingo dia 24/03 com a Marcha por la Memoria la Verdad e la Justicia, que reuniu todas as representações das organizações, de partidos e sindicatos.

Vivenciado essas experiências penso que me aproximei dos elementos necessários para iniciar as entrevistas não como a “ estrangeira” alheia a todo processo histórico vivenciado, embora com a devida distância interpretativa que um trabalho desse natureza requer.

Partindo de uma primeira indicação, fui aos poucos conhecendo uma rede de mulheres, hoje inseridas e militando nas organizações de Familiares de Desaparecidos,ou HIJOS ou não que passaram a me procurar para falar..

O tema da pesquisa logo tornou-se conhecido e, aos poucos apareciam contatos para obter informações sobre onde poderia encontrar a investigadora brasileira que estava conversando e entrevistando *as viudas*.

Diante do tempo relativamente curto(7-28/03) entrevistei 12 mulheres, nascidas entre 1942-1945, portanto com a media de 60 anos, com distintos graus de instrução, inclusive muitas de curso superior , com conhecimento das lutas e participantes de

⁴ O Archivo Provincial de la Memoria está instalado em um sitio de memória, o Centros de Detenção Clandestina, o D2, Departamento de Informação da Policia das Província, criado para averiguar, perseguir e reprimir o que considerava-se um tipo de “ delito” definido genericamente como de subversão. O período de maior atividade repressiva e criminal deu-se de 1972-1979.

distintas fragmentações de agremiações da esquerda: Montoneros, ERP e PRT no período

A perspectiva dos relatos não é linear. Os tempos atuais se colocam com ampla visibilidade e efervescência política diante do “desarquivamento do passado”, de uma cartografia da memória em homenagem as mulheres e homens desaparecidos e assassinados e do fomento de estudos, investigação e difusão da luta contra a impunidade e a vigência plena dos Direitos Humanos, principalmente a partir de 1999, com a definitiva suspensão das Leis de Ponto Final(1986), Obediência Devida(1987) e de Indultos (1990). Foi com o governo de Néstor Kirchner (2003-2006) que o “culto à Memória” se colocou com o uma estratégia política a na Argentina .

Observei no meu campo de estudo que vive-se hoje na cidade de Cordoba, diante da Memoria Aberta , uma espécie de duelo, um campo de disputas, um certo controle de pessoas, uma sobre as outras, sobre quem estaria mais ou menos autorizadas a falar sobre a cidade mobilizada e a cidade reprimida..

Os relatos das mulheres entrevistadas , ainda em fase de transcrição, evidenciam como as individualidades eram ajustadas ao sentimento de pertença a um grupo, as apropriações subjetivas e interpretações próprias frente as decisões coletivas, as opções políticas e ideológicas exigindo constantes alterações de identidades(com documentos de casadas, operarias, mães, tias) como forma de manter segura a clandestinidade e a segurança das “casas operativas”. Viviam frente as zonas limítrofes de serem mulheres diante dos limites impostos, da hierarquia vertical das organizações, levando muitas delas à transgressões, rebeldias e enfrentamentos com o sexo oposto, mas também a possibilidade da descoberta de si, a construção de sonhos de uma vida em comum com o parceiro, do casamento na igreja, de filhos, enfim de conciliação de crenças e desejos.

As vivencias da repressão nos Centros de Detenção, a existência no cárcere em Penitenciarias exemplares cumprindo de penas que iam de 4 à 8 anos, as dificuldades do retorno como pessoas sós e com filhos que necessitavam reconstruir vínculos familiares e se manter economicamente, levou algumas delas ao exagero da vida boêmia, a busca da terapia para um encontro consigo mesma, a retomada profissional sem uma devida qualificação para o mercado de trabalho. Escolhas possíveis de emprego e de sobrevivência. E a experiência com outro parceiro, as vezes difícil e

traumática, onde a violência doméstica se instala. Naquele tempo isso não havia entre nós...

Essas percepções foram difíceis de absorver, sendo que algumas delas procuram entender escrevendo poesias idealizando o passado e onde a situação de viuvez é explicitada em distintas representações, como a viuvez coletiva, viuvez poética, viuvez legal, exigência na busca de direitos e a dúvida diante da pergunta: o que é ser viúva para mim?

Que pergunta difícil !!! Nunca consegui pensar sobre isso? Fui viúva duas vezes!

Seriam as representações tradicionais da viuvez uma forma de desmobilização? Por que na memória de um passado recente ela é ignorada? O valor simbólico, o termo/palavra ainda repleto de significações não seria oportuno para aglutinar pessoas, representar as lutas e as resistências?

A pesquisa pretende recuperar os protagonismos existentes, as distintas apropriações de modo a revelar identidades possíveis de serem captadas pelas subjetividades dos relatos, das memórias subterrâneas. Para tanto pretendemos retomar as trajetórias de mulheres brasileiras e argentinas engajadas ou não em movimentos de resistência ao regime e de democratização e que hoje lutam pelos direitos de indenização, de ter a palavra, de (re) construir outras identidades .

Referencias Bibliográficas:

CATELA, Ludmila da Silva. Situação - Limite e Memória. A reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina. São Paulo, Hucitec.ANPOCS, 2001

_____. JELIN, Elizabeth(org.). Los archivos de la repression. Documentos, memória y verdad.Madrid, Siglo veintiuno de españa editores. s.a. 2002

GARAY, Lucia S., BANCHIERI, Carla M., TUMINI, Ma. Carina. Vivencias frente al limite. Los familiares de desaparecidos de Cordoba y SUS construcciones de identidad em torno al secuestro, la desaparición y las exhumaciones de los restos de SUS familiares. Cordoba, Universidad Nacional de Cordoba, 2006

MARIANI, Ana, JACOBO, Alejo Gómez. La Perla. Historia y Testimonios de um campo de concentración.Buenos Aires, Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012

PINO, Ponciano del, JELIN, Elizabeth(org) Luchas locales, comunidades e identidades.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Madri ; Siglo veintiuno de españa editores. s.a.. 2003

POLLACK, Michel. Memória , esquecimento e silencio. Estudos Históricos, n.3. Rio de Janeiro, 1989

_____. Memória e identidade social. Estudos Históricos , n. 10, Rio de Janeiro, 1992

SCHMUCLER, Héctor... et AL, Medos y Memorias em las Sociedades Contemporáneas. Seminario Internacional . Cordoba, Comunicacion Editorial, 2006